

universidade federal da bahia faculdade de arquitetura e urbanismo trabalho final de graduação

cine-teatro-rua

possibilidades para o fim-de-linha do uruguai

Ícaro Vilaça Nunesmaia Cerqueira [autor]
Paola Berenstein Jacques [orientação]

Salvador, dezembro de 2011

agradecimentos

Agradeço aos meus pais, por todo o amor e sacrifício que fizeram para que eu sempre tivesse a melhor a educação possível.

A Diego, por todos os dias que passamos juntos e por todos os dias que virão.

A minha querida Paola, fonte inesgotável de inspiração e de entusiasmo. Aos membros da banca, pelas preciosas contribuições, que me desestabilizaram positivamente e fizeram com que eu ajustasse o rumo do trabalho.

> Aos moradores de Alagados, por todas as trocas e longas conversas. A Jamira, por todo o apoio e carinho.

A Amine, Babo, Dan, Johanna e Pati, amigos muito amados que fizeram parte deste processo com enorme entusiasmo.

A Rami, Tiago, Lu, Lina, Melánie e Juliette, amigos gueridos e companheiros do Coletivo Alagados.

A Alê, Liv, Isaura, Leo Cruz, Juliano, André, Bartira, Sushi e Alexey, amigos que completam o sentido da vida – e que mesmo longe nunca deixam de estar perto.

A minha guerida Susana, que me ensinou o ofício de arquiteto. A Thai Portela, por todo o carinho e apoio ao longo desses anos. A Cacá, Pedro, Clara Pignaton, Edu, Aline e Fabi, companheiros de viagem e de trocas. A Gabriel, Wo, Thiago Costa, Clara Passaro, Priscila Lolata e Dila, companheiros do Laboratório Urbano.

A Salima e demais amigos do Grupo Técnico de Apoio pelo incentivo e compreensão.

Dedico este trabalho à memória da querida professora Ana Clara Torres Ribeiro.

índice

mo05	resumo
erto06	chegando perto
ias08	jogo das memórias
ton10	adailtor
e lá12	o lado de lá
oca13	temperaturas de troca
ora15	urbanismo aqui e agora
tos19	desdobramentos
ejo21	construindo o desejo
ana22	jogando contra a espetacularização urbana
ida24	arquitetura como suporte para a vida
jos26	jogo dos desejos
rua29	cine-teatro-rua
mo41	quadro-resumo
afia42	bibliografia
anexos	a
ração 01	representação gráfica configuraç
ração 02	representação gráfica configuraç
ração 03	representação gráfica configuraç

súmula da pré-banca

resumo

Em Alagados¹, a qualidade dos espaços públicos transcende sua materialidade e está muito relacionada a uma

idéia de calor, de troca, de presença. A construção dos lugares passa pelo corpo, pela memória e pelos afetos.

A partir da subjetividade dos moradores, se constroem territorialidades vivas e transitórias que condicionam os

percursos no bairro.

Diante disso, na experiência realizada durante o Atelier V coordenado por Paola Berenstein Jacques e Eduardo

Carvalho em Alagados foi possível pensar num "urbanismo aqui e agora" ² a partir de uma atuação micropolítica

capaz de desestabilizar os limites subjetivos que dificultam a permeabilidade e a possibilidade de troca no

bairro. Essa perspectiva apontava para a possibilidade de construção de uma metodologia urbanística capaz de

pensar a cidade a partir do campo, tendo como base a noção de experiência, a relação com o outro e o

engajamento do corpo do arquiteto-urbanista no processo projetual.

A partir dessa experiência, resolvi continuar trabalhando em Alagados, e imaginei que o trabalho final de

graduação seria uma oportunidade interessante para estruturar um processo de projeto que fosse um

desdobramento daquela experiência. Mais especificamente, o trabalho tem como foco a reestruturação

urbanística do Fim-de-linha do Uruguai e a reativação do Cine-teatro Alagados, a partir de um processo de troca

com os moradores do bairro.

Além de reforçar uma política de descentralização no acesso a áreas urbanas bem infra-estruturadas e

equipamentos culturais, a reestruturação urbanística do Fim-de-linha do Uruguai poderia criar as condições de

possibilidade necessárias para o reforço das relações de permeabilidade entre o miolo e a borda de Alagados,

bem como entre o próprio bairro e a cidade de Salvador.

Palavras-chave: Espaço Público, Participação, Metodologia, Processo.

¹ Bairro que integra o Subúrbio Ferroviário de Salvador.

² Expressão utilizada por Daniela Brasil, professora e pesquisadora da Bauhaus Universität Weimar, no texto *Por uma micropolítica de*

espaços públicos: práticas do Rio e Berlim e vice-versa in FESSLER VAZ, Lilian; ANDRADE, Luciana; GUERRA, Max Welch (Org). Os

espaços públicos nas políticas urbanas: estudos sobre o Rio de Janeiro e Berlim. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

Todo dia o sol da manhã vem e lhes desafia/ Traz do sonho pro mundo quem já não o queria/ Palafitas, trapiches, farrapos, filhos da mesma agonia/ E a cidade que tem braços abertos num cartão postal/ com os punhos fechados da vida real/ lhes nega oportunidades, mostra a face dura do mal/ Alagados, Trenchtown, Favela da Maré/ A esperança não vem do mar, nem das antenas de TV/ A arte de viver da fé, só não se sabe fé em quê.

Paralamas do Sucesso

chegando perto

No imaginário dos soteropolitanos, Alagados remete à memória das palafitas, nome pelo qual conhecemos os barracos de madeira apoiados em estacas sobre a Enseada dos Tainheiros. Até hoje, os moradores mais antigos freqüentemente relatam, apontando para o chão: "aqui era tudo maré".

As primeiras palafitas surgiram no final da década de 1940 e permanecem até os dias atuais, em paralelo às inúmeras intervenções realizadas pelo Estado no bairro. A área de Alagados se tornou um grande e único conglomerado urbano através da junção de sucessivas ocupações de terrenos da marinha situados na Enseada dos Tanheiros. Inicialmente, a ocupação se dava através da construção de barracos de madeira apoiados em palafitas sobre o mar ou sobre lixo não consolidado.

Com o passar do tempo, os moradores conquistaram a 'tolerância' dos poderes públicos e a realização de algumas melhorias, a começar pelos sucessivos aterros, água encanada, energia elétrica e pavimentação de algumas ruas. Essas intervenções eram pontuais, desarticuladas e geralmente aconteciam em função de interesses eleitorais. Foi dessa forma que a área de Alagados se desenvolveu até 1973, ano em que foi criada a AMESA (Alagados Melhoramentos S.A.).

De acordo com o professor Eduardo Carvalho em sua dissertação de mestrado (2002)³, o crescimento de Alagados ocorreu a partir de um movimento marcado pela justaposição e sobreposição da ocupação institucionalizada (intervenções esporádicas realizadas pelo Estado) com a ocupação informal (novas invasões por palafitas e barracos de madeira sobre aterro de lixo). Ainda segundo Eduardo Carvalho, "os modos de

³ CARVALHO, Eduardo. Os Alagados da Bahia. Intervenções públicas e apropriação informal do espaço urbano. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2002.

intervenção se mesclam, ao longo do tempo, entre urbanização e reurbanização, descartando-se qualquer possibilidade de erradicação das ocupações existentes, tendência manifestada desde a década de 70".

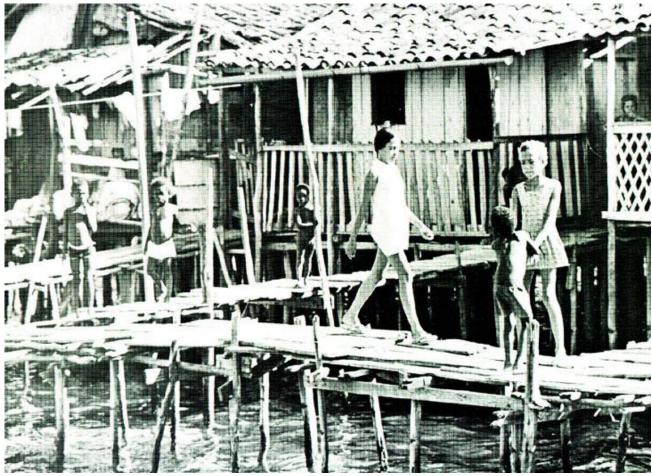


Imagem 01 - Palafitas em Alagados.

Nossa aproximação com Alagados começou em 2010, a partir do Atelier V coordenado por Paola Berenstein Jacques e Eduardo Carvalho, que elegeu Alagados como laboratório. Aos poucos fomos nos aproximando do bairro, e logo nas primeiras andanças e conversas ficou claro que os usos – e mesmo os silêncios – dos espaços em Alagados não eram condicionados apenas por questões físicas (demandas para as quais poderia caber apenas o desenho urbano tradicional como resposta), mas sobretudo por uma riquíssima memória coletiva, que coloca afetos e territorialidades em permanente tensão.

Um dos espacos mais interessantes do bairro é o entorno da Igreja de Nossa Senhora dos Alagados, e apesar da ambiência agradável e da belíssima vista da Enseada dos Tainheiros, este entorno da Igreja é extremamente evitado pela maioria dos moradores. À primeira vista não parece "natural" que um espaço tão aprazível se configure como um lugar tão evitado. Conversando um pouco com as pessoas, começamos a perceber que a razão dessa rejeição tem muito a ver com memórias relacionadas à violência: ações de traficantes, espancamentos realizados por policias e estupros ocorrem nessa área com alguma freqüência.



Imagem 02 - Igreja de Nossa Senhora dos Alagados.

Nesse momento, ficou claro que a compreensão do bairro a partir dos seus lugares (lugar entendido aqui como o espaço vivido ou praticado) deveria se colocar à frente das categorias de análise tradicionais do urbanismo, que se pautam prioritariamente por questões relacionadas ao espaço construído.

A partir daí o trabalho se pôs em marcha e logo ficou claro que não poderíamos perceber e dialogar com os "lugares" de Alagados senão através da troca com os moradores do bairro. Nesse sentido, a interlocução com o outro se colocou como um grande desafio, na medida em que Academia praticamente não se dedica a problematizar esta dimensão fundamental para o trabalho de campo do arquiteto-urbanista.

jogo das memórias

Depois de algumas visitas e muitas conversas, se colocou a necessidade de realizarmos um mapeamento das tensões existentes no bairro. Houve muito debate para decidir como isso seria feito, até que chegamos à conclusão de que a melhor tática seria propor um jogo com os moradores. O objetivo seria entender o lugar Alagados (ou os lugares em Alagados) a partir de três tensionamentos principais: (1) memórias que condicionam o uso dos espaços; (2) percursos, limites internos e a relação com a cidade e (3) perspectivas de futuro, desejos e expectativas.

Partimos da idéia de convidar algumas pessoas para um jogo da memória, que acabou de fato se configurando como um "jogo das memórias". Para compor este jogo foram elaborados 16 pares de cartas que continham referências de locais da cidade (Av. Sete, Porto da Barra, Cantagalo), referências do próprio bairro de Alagados (Palafitas, Maré, Igreja do Papa, Ilha do Rato) e alguns sentidos que queríamos tensionar (Afeto, Medo, Desejo, Memória, Limites, Percursos). As cartas seriam, portanto, indicadores dos tensionamentos que se pretendíamos investigar, funcionando como pretextos para conversas, enquanto o jogo seguia seu curso natural⁴.

O Jogo das Memórias seria, portanto, um *desvio* do modelo usual de pesquisa estatística (onde as perguntas e mesmo o perfil dos entrevistados são fechados e definidos previamente), buscando de fato uma interlocução com os moradores, na medida em que havia espaço para contribuições que não poderiam ser previstas por um roteiro de perguntas, mas que encontram espaço durante o jogo-conversa.

Nosso desejo era fazer uma pesquisa que de fato se distanciasse dos modelos tradicionais, que não se interessam pelos sujeitos que atuam nos espaços e muito menos por sua subjetividade. A construção da situação "Jogo das Memórias" possibilitou que as conversas ocorressem sem pressa, uma vez que o tempo da partida acabou determinando um momento mais longo de troca entre os moradores e os pesquisadores. Rapidamente, o trabalho acabou assumindo também um lugar de afeto e de troca entre moradores e "estrangeiros".

A escolha do local dos jogos era, na maioria das vezes, intuitiva, ou mesmo fruto de uma caminhada, sem um rumo muito claro. Para que o Jogo das Memórias pudesse acontecer em qualquer lugar, só precisamos de alguns banquinhos de plástico, uma mesa improvisada que cobrimos com uma chita azul, as cartas que elaboramos e alguns pedaços de fita crepe, que as mantinham viradas para baixo, fazendo resistência à brisa constante que sopra no bairro.

O jogo possibilitava estabelecer longas conversas, que seguiam ao sabor das cartas que apareciam. A tensão entre as cartas desviradas proporcionava relatos que nos aproximavam das memórias dos moradores em relação a Alagados⁵.

⁴ No jogo da memória, os jogadores devem memorizar o local do maior número possível de cartas no tabuleiro, para que seja possível combinar os pares até que não sobre nenhum.

⁵ A exemplo deste relato de Adailton, morador de Alagados há mais de vinte anos: "Aprendi a nadar na maré, mas hoje não tomo mais banho lá. Antes era melhor. Há uns 15 anos a maré era mais limpa, quando eu me estressava, ia tomar banho na maré. As casas daqui



Imagem 03 - Tabuleiro do Jogo das Memórias.

adailton

Chegamos em Alagados no início da tarde. O céu anunciava que a chuva forte da manhã parecia ter ficado para trás. Resolvemos montar a banquinha do Jogo das Memórias na pracinha ao lado do fim-de-linha do Uruguai. Nossa chegada despertou a atenção de Alane, e nós a convidamos para uma partida do Jogo das Memórias. Diversas crianças se posicionaram ao redor da mesa, e passaram a "soprar" os pares de cartas.

Adailton estava sentado na praça desde que chegamos. Depois de algum tempo, ele se levantou e chegou mais perto. Acompanhou todo o jogo com Alane, e no final disse que também queria jogar uma partida: "Eu gosto muito de jogo de memória, jogo com minha sobrinha, mas ela sempre ganha porque é mais novinha e tem a memória mais fresca. Vamos ver se com vocês eu tenho mais chances".

Adailton tem 33 anos, e mora em Alagados desde pequeno. Começamos o jogo e à medida que as cartas apareciam, tentávamos estabelecer relações entre os temas. Quando a carta MEDO surgiu no jogo, Adailton

eram tudo (sic) na maré". Cíntia, moradora do miolo do bairro, também compartilhou conosco memórias importantes: "Meu avô morava na ilha e tinha uma barraca na Feira de São Joaquim. Ele comprou um terreno em Alagados quando minha mãe se casou. Essa área aqui era maré e foi entulhada. Na época das palafitas, tinham os pescadores que faziam o transporte de pessoas nos barcos. Era tranquilo, mas hoje em dia as pessoas não descem muito para cá por causa da imagem negativa que já se tem do Uruguai".

contou o seguinte: "Levei um tiro aqui (tira o boné e mostra a cicatriz na cabeça), mas não sinto medo, nasci e me criei em Alagados, quero ser feliz aqui". Quando o jogo revelou a carta AFETO, nós lhe colocamos a pergunta: "Para você, onde é que existe afeto aqui em Alagados?", ao que ele respondeu: "Por exemplo, essa mesa que vocês montaram aqui hoje. Se vocês vierem amanhã ou depois, já vira um espaço, e eu vou vir de novo". De alguma forma, Adailton estava relacionando o afeto à idéia de espaco vivido, fala que repercutiu fortemente no grupo. Em outro momento, quando a carta ALAGADOS apareceu no jogo, perguntamos se ele conhecia canção homônima dos Paralamas do Sucesso. Cantarolamos o trecho "A arte de viver da fé, só não se sabe fé em quê", e Adailton perguntou à queima-roupa: "E vocês, têm fé em quê?".

E por aí seguia a conversa... estávamos tão entusiasmados que o jogo acabou se alongando por guase duas horas. Os pares foram sendo combinados e aos poucos as cartas iam se retirando do jogo. As crianças continuaram soprando as cartas, mas já não importava quem estava fazendo os pares. Todos estavam ganhando desde o começo.



magem 04 - Jogo das Memórias com Adailton. A pequena moradora de Alagados segura o guarda-chuva sobre a mesa para proteger as cartas.

o lado de lá

Avistamos Jéssica em frente à casa de sua família numa tarde de domingo em Alagados. Depois de um primeiro contato, montamos o Jogo das Memórias na mesa que estava posicionada em frente à única janela da casa. Durante a conversa, Jéssica nos disse que tem medo de ir no "lado de lá", forma como ela se refere às proximidades do Fim-de-linha do Uruguai. A experiência que Jéssica tem do bairro se constrói a partir das conversas com as colegas na porta de casa, das brincadeiras com o irmão, do pula-corda e do futebol. Suas referências externas são relacionadas à outra parte da península itapagipana: a região dos Dendezeiros — onde ela estuda — e a Igreja do Bomfim, que freqüenta toda sexta-feira com a avó. Jéssica desconhece referências importantes para o bairro, como a chamada "Ilha do Rato" (única área de mangue que restou na Enseada dos Tanheiros, o Espaço Cultural, e a Igreja de Nossa Senhora dos Alagados (mesmo tendo ouvido falar da Igreja, ela nunca esteve lá).

Já para Adailton, que mora nas proximidades do Fim-de-linha do Uruguai, a violência e o medo não se configuram como limites para seus percursos no bairro. Adailton conta que, apesar da tensão gerada pela presença constante de policiais, ele não deixa de freqüentar o entorno da Igreja. "Vou lá para fazer minha fisioterapia, porque fiquei com um lado paralisado depois do tiro. Vou com meu documento. A área é só deles [policiais]. Teve um dia que eu estava sentado lendo minha revista e um policial ficou me rondando. Aquela atitude ainda não saiu da minha cabeça, me incomodou".

Já Cíntia, por sua vez, tem seus percursos traçados em função das praias e dos bares. Ela freqüenta de Cajazeiras à Boa Viagem, passando pelo Cravinho (cachaçaria situada no Pelourinho) e pela boate Dalilas, que "é pra entendido, mas vai todo mundo". "Por ser mulher, não tenho medo de andar aqui [em Alagados]. É até mais fácil que ser homem, você não é abordado, ninguém mexe com você. Só não vou no Fim-de-linha porque lá o bicho pega." Quando confrontada com a carta LIMITES, Cíntia se lembra das ruas Elias Calili e Veloso Gordilho. Segundo ela, "a barra lá é pesada, por causa do tráfico", e acrescenta: "Não gosto de ir. Tem lugares que não é bom você ficar andando, porque se acontecer alguma coisa e você estiver passando, depois não tem como provar que você não estava envolvido".

temperaturas de troca

Em Alagados, a qualidade dos espaços públicos transcende sua materialidade, e está muito relacionada a uma idéia de calor, de troca, de presença. A construção dos lugares passa pelo corpo, pela memória e dialoga com estímulos que atraem ou repelem, estabelecendo territorialidades subjetivas e transitórias. Definitivamente, o corpo vivo constrói a qualidade do espaço mais do que qualquer tijolo. Quando estes corpos convergem no mercado, na feira, no futebol, eles instituem uma possibilidade de troca. A densidade destes encontros estabelece variações de temperatura que são sentidas às vezes como convite e às vezes como limite.

Diante desta percepção, os registros dos "Jogos das Memórias" foram interpretados cartograficamente como gradientes de temperatura que apresentam como manchas de calor os lugares que são usados com maior fregüência e como manchas de frio os lugares mais evitados no bairro e na cidade. A cartografia dos jogos evidencia, dessa forma, instantâneos de territorialidades vivas e transitórias que se constroem a partir da subjetividade dos moradores.

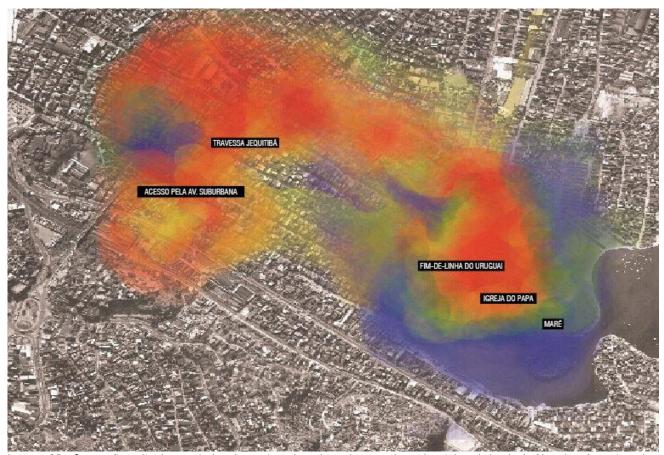


Imagem 05 - Cartografia realizada a partir da sobreposição dos relatos dos moradores do miolo e da borda de Alagados. As regiões de cor quente são mais permeáveis que as de cor fria.

A partir das conversas engendradas com os jogos, pudemos perceber com clareza a relativa estabilidade de certos limites internos, que apesar de não estarem fisicamente colocados, se operam com força surpreendente no imaginário dos moradores do bairro, reduzindo a possibilidade de encontro (e portanto, da troca) entre os que moram no miolo do bairro, próximos à Travessa Jeguitibá, e os que moram na borda, sobretudo na área conhecida como "Maré", próxima ao Fim-de-linha do Uruguai. Para a grande maioria das pessoas com guem conversamos, as memórias de medo e violência são fortes o suficiente para fazer do Fim-de-linha do Uruquai um lugar a ser realmente evitado. Para os moradores "do lado de lá", que estão cercados pelos conflitos do tráfico, as limitações são ainda maiores, e a possibilidade de diálogo com a cidade, bastante reduzida. Nesse sentido, a permeabilidade emergiu como um aspecto fundamental a ser problematizado em Alagados.

A Tv. Jeguitibá assume um certo papel de centralidade no bairro. Para lá convergem os moradores de todos os cantos, em busca dos produtos e serviços oferecidos. O mesmo não ocorre em relação ao Fim-de-linha, que apesar de oferecer muito mais espaço que a "Feirinha", permanece esvaziado ao longo de todo o dia.

Nem mesmo a questão do ônibus parece funcionar como atrativo, uma vez que os moradores de Alagados preferem pegar ônibus na Av. Suburbana, que oferece uma diversidade muito maior de linhas, além do tempo de espera ser menor. Também é importante ressaltar que é no Fim-de-linha que fica localizado o posto da Polícia Militar, em permanente tensão com os traficantes que atuam nas proximidades, sobretudo quando estes atrasam a propina dos policiais.

Além das questões já colocadas, não podemos deixar de considerar que existe uma diferença sócio-econômica significativa entre os moradores do miolo e da borda de Alagados. As casas mais próximas à Enseada dos Tanheiros tiveram ocupação mais recente. Existem moradores que deixaram as palafitas há poucos anos, tendo sido relocados para um dos projetos habitacionais da CONDER ou ocupado áreas de aterros que eram na verdade destinadas à criação de espaços públicos e jardins. Nesse sentido, a relação miolo-borda em Alagados guarda uma relação inversa ao que ocorre em Salvador no que diz respeito à relação entre borda e miolo, na medida em que a ocupação da cidade sempre privilegiou a borda em detrimento do miolo, que permanece esquecido, sem infra-estruturas básicas e segregado do restante da cidade.

urbanismo aqui e agora

Diante de todas as questões colocadas anteriormente, ficou claro para o grupo que o trabalho em Alagados deveria seguir adiante tensionando a questão da permeabilidade, colocada tanto na instância miolo-borda de Alagados quanto na esfera Alagados—Salvador. Com o tempo, nos demos conta de que a própria ação do Jogo das Memórias acabou estabelecendo uma instância propícia para a troca entre moradores e "estrangeiros".

Essa percepção aguçou a idéia de que atuar em espaços vividos poderia ser tão potente quanto o desenho dos espaços físicos⁶: agir através de pequenas ações poderia desestabilizar territorialidades construídas a partir de memórias que limitam a permeabilidade e a possibilidade de troca no bairro. Essa atuação na escala micropolítica parte de um certo inconformismo, da idéia de que o urbanismo pode ser aqui e agora, e que portanto interferir nos usos pode ser tão efetivo quanto intervir na materialidade dos espaços que se deseja transformar.

Ao mesmo tempo, essa iniciativa de interferir, num sentido mais imediato, não se contrapõe ao projeto tradicional, que abarca temporalidades mais longas. Portanto, trata-se de pensar na articulação entre micro e macropolítica. Estas ações imediatas teriam um caráter experimental e ao mesmo tempo uma perspectiva de projeto, na medida em que estão imbuídas de desejos capazes de abarcar várias temporalidades: da ação imediata que pudesse ser realizada com nossos corpos e recursos precários até operações que demandam uma grande mobilização de instituições e investimentos, criando neste percurso a possibilidade de estabelecer níveis mais ou menos complexos de contaminação a partir da interação destas iniciativas. Partindo dessas possibilidades, as ações pensadas pelo grupo em Alagados foram se desenhando com o objetivo de tensionar os usos (e não-usos) dos espaços públicos do bairro.

Outro aspecto relevante é que este processo obriga o arquiteto-urbanista a se deslocar e com isso ele se enche do viço da cidade, implicando seu corpo diretamente nos processos que deseja empreender na cidade. E, portanto, uma possibilidade incorporada de "fazer cidade", onde a produção dos espaços públicos se configura como desdobramento do desejo e da ação coletiva no ambiente. Além da participação efetiva, este processo

⁶ Segundo Daniela Brasil "se pensarmos que as cidades são materiais e imateriais, que são feitas de situações, encontros e práticas,

atuar e interferir em 'espaços vividos' pode ser mais efetivo do que desenhar e planejar 'espaços físicos". Dessa forma, ela propõe "uma apologia ao microurbanismo e aos pequenos gestos cotidianos: urbanismo pode ser aqui e agora". (in: FESSLER VAZ, Lilian; ANDRADE, Luciana; GUERRA, Max Welch. Os espaços públicos nas políticas urbanas: estudos sobre o Rio de Janeiro e Berlim. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.)

também pressupõe uma horizontalidade dos saberes: a interação entre arquitetos e os moradores não poderia ser mediada por qualquer hierarquia, somente pelo desejo comum de transformação.

A aparente dualidade entre miolo e borda de Alagados colocam duas situações em destaque: o uso de feira (efetivamente realizada todos os dias na Travessa Jequitibá, no miolo do bairro) e a potência de uso da Maré como uma área de lazer. Com o objetivo de estimular o uso público da borda de Alagados, começamos a planejar uma ação que pudesse ser realizada de forma imediata. Era preciso também que esta ação se articulasse no sentido de desestabilizar as territorialidades indicadas pelo Jogo das Memórias, ou seja, queríamos realizar algo que motivasse a ida dos moradores do miolo até a Maré.

Foi assim que surgiu o que chamamos de "ação piscina". A idéia era relativamente simples: queríamos instalar na Maré duas piscinas de plástico com a ajuda dos moradores. Para que as pessoas soubessem da ação, realizamos uma panfletagem na Travessa Jequitibá e suas proximidades, divulgando a "ação piscina" que seria realizada no dia seguinte. O panfleto continha os dizeres: "Piscina na maré! Domingo, 14 horas. Atrás do fim de linha do Uruguai". O primeiro intuito dessa panfletagem era levar as pessoas do miolo para a borda, e ao mesmo tempo tensionar o desejo pela água limpa, evidenciado em tantas conversas.

Compramos uma piscina de 3.600 litros e uma outra de 2.400 litros. Os primeiros cálculos que fizemos já nos alertavam a respeito do tempo gigantesco que seria necessário para encher essas duas piscinas, o que nos convenceu a chamar, de última hora, um caminhão-pipa para viabilizar a proposta. Um domingo ensolarado foi o dia que estava previsto para realizarmos a ação. Chegamos em Alagados por volta das onze horas da manhã, preocupados em ter as piscinas cheias até às 14 horas, que foi a hora divulgada nos panfletos distribuídos no dia anterior.

Assim que aparecemos com as caixas das piscinas, houve uma resistência muito grande dos moradores do Fim-de-linha, que insistiam para que não fôssemos até a Maré: "Ontem de noite teve tiroteio lá, está muito perigoso. Por que vocês não montam as piscinas num espaço que tem livre no fundo da minha casa?". Algumas crianças também engrossaram o coro, pedindo que nós não montássemos a piscina lá pois as mães não deixariam que elas fossem.

Conversamos um pouco com as pessoas, mas resolvemos manter a idéia inicial de levar as piscinas até a Maré. Apesar dos protestos, no momento em que tiramos a piscina da caixa, já houve uma mobilização para ajudar no processo de montagem. Algumas crianças apareceram com baldes para encher a piscina, um morador emendou uma série de mangueiras para levar água de uma torneira que ficava num local próximo, enquanto outros enchiam a plenos pulmões a borda da piscina. Mesmo com esta intensa mobilização, uma das piscinas apresentava um ou dois palmos de altura de água, e a outra ainda estava vazia.

Começou a pairar um certo desânimo, parecia impossível conseguirmos encher 6.000 litros com alguns baldes e uma manqueira furada. Foi nesse momento que chegou o caminhão-pipa que havíamos contratado às pressas. A presença do caminhão-pipa e a intensa expectativa causaram uma euforia muito grande em todos, e a ação, que pensávamos que duraria uma tarde inteira, durou apenas o tempo necessário para fazer jorrar os 10.000 litros de água do caminhão-pipa.

A mangueira do caminhão-pipa também servia como chuveirão e além disso os moradores a utilizavam para trocar constantemente a água do interior da piscina, que se misturava rapidamente com o barro carregado pelo entra e sai das dezenas de crianças. Mesmo com uma grande maioria de moradores da própria região do Fimde-linha, apareceram na ação algumas pessoas com o panfleto de divulgação, o que para nós foi importantíssimo, pois efetivou a possibilidade de convivência – e de troca – entre moradores do miolo e da borda de Alagados.



Imagem 06 - Crianças ajudam a encher a piscina, antes da chegada do caminhão-pipa.



Imagem 07 - Crianças disputam o espaço da piscina.

No início, estávamos um pouco reticentes, e nos perguntávamos se a mera montagem das piscinas seria suficiente para mobilizar os moradores a participarem da ação. E talvez uma das respostas mais interessantes que obtivemos foi justamente a potência de contaminação que a ação demonstrou ter, tendo sido capaz de produzir um espaço público temporário extremamente complexo e rico a partir de uma quantidade mínima de elementos. Essa potência nos conduziu à elaboração de propostas em outras temporalidades (curto, médio e longo prazo), a partir da experiência de como a piscina foi apropriada pelos moradores.

No curto prazo, a ação se propagaria com a utilização das piscinas, que foram doadas para o Espaço Cultural Alagados, para que fossem instaladas em diversos locais do bairro, de acordo com a vontade e mobilização dos moradores e assim criar condições para que os vazios do bairro – e sobretudo os vazios da região da borda – fossem utilizados como espaços públicos de fato. No médio prazo, foi pensado um projeto para uma piscina pública de porte considerável, que seria realizada no mesmo local onde realizamos a ação. Esta piscina poderia se tornar um equipamento importante para a Península de Itapagipe e mesmo para a cidade, potencializando as trocas de que tanto sentimos falta. No longo prazo, esperávamos conseguir viabilizar a recuperação ambiental da Enseada dos Tanheiros, em conjunto com a realização de alguns equipamentos relacionados ao uso náutico, para que os moradores de Alagados pudessem retomar a relação com o mar.

No caso de Alagados, uma iniciativa que apontasse para sua reestruturação urbanística a partir de uma intensa participação dos moradores, além de reforçar uma necessária política de descentralização no acesso a áreas urbanas bem infra-estruturadas, poderia ser capaz de criar as condições de possibilidade necessárias para o reforço das relações de permeabilidade entre o próprio bairro e a cidade de Salvador.



Imagem 08 - Estudos de projeto a partir da situação vivenciada junto aos moradores.

desdobramentos

O processo que culminou com a "ação piscina" apontava para a possibilidade de construção de uma metodologia urbanística capaz de pensar a cidade a partir do campo, tendo como base a noção de experiência, a relação com o outro e o engajamento do corpo do arquiteto-urbanista no processo.

Como foi observado pela professora Rachel Thomas (que acompanhou toda a experiência em Alagados como professora convidada durante seu estágio de pós-doutorado no PPG-AU), foi um processo de imersão extremamente potente, mas que ainda aponta como desafio metodológico a construção daquilo que chamávamos de "outras temporalidades" (o curto, médio e longo prazo de que tanto ouvimos falar os governos) com base nos mesmos pressupostos de participação em que as ações imediatas propostas (tais como a "ação

piscina") se apoiavam. Dessa forma, poderíamos pensar em projetos urbanos processuais em oposição aos projetos espetaculares com os quais estamos acostumados.

A partir dessa inquietação, resolvi continuar trabalhando em Alagados, e imaginei que o trabalho final de graduação seria uma oportunidade perfeita para aprofundar essas investigações. Depois de alguns meses de distanciamento em relação a Alagados, comecei a perceber a relação entre o miolo e a borda de forma menos dicotômica, e senti a necessidade de trabalhar entre esses dois pólos. Nesse sentido, o recorte mais adequado parecia ser o espaço do Fim-de-linha do Uruguai, geograficamente situado entre a Tv. Jeguitibá e a Maré.

É um espaço em permanente tensão que sofre contaminação desses dois pólos, muito embora esteja mais diretamente relacionado à Maré. O Fim-de-linha é um dos únicos espaços livres do bairro, e apesar de sua vocação de espaço público, permanece subutilizado por conta de sua configuração como fim-de-linha para três ou quatro linhas de ônibus. Diante da enorme carência de espaços livres em Alagados, a manutenção desse local como "fim-de-linha" não se justifica sob qualquer aspecto, ainda mais se considerarmos que a ampla maioria dos moradores de Alagados prefere pegar ônibus diretamente na Av. Suburbana, que oferece uma enorme diversidade de linhas com um tempo de espera muitíssimo menor. Seria então o caso de repensar este espaço para que ele ofereça as condições de possibilidades necessárias a um uso público e diverso, que seja capaz de contaminar a região da borda de Alagados com as mesmas qualidades verificadas na Tv. Jequitibá.



Imagem 09 - Canteiro central do Fim-de-linha do Uruguai, espaço importante que permanece subutilizado ao longo de todo o dia.



Imagem 10 – Cine-teatro Alagados em ruínas.

construindo o desejo

Então ficou definida a questão. Trata-se de pensar uma reestruturação urbanística para o Fim-de-linha do Uruguai, através de um projeto que fosse capaz de atuar dissolvendo os limites impostos à permeabilidade. Desestabilizando a territorialidade do medo. Promovendo o encontro, e mais do que o encontro, a colisão das alteridades [SCHVASBERG, 2011]. Para isso, seria fundamental pensar não apenas no espaço público, mas na esfera pública. O desafio seria então não apenas a questão de como construir um espaço, mas de como construir um lugar de encontro com a alteridade, e não seria possível fazê-lo senão levando em conta o desejo das pessoas que configuram e reconfiguram cotidianamente este lugar como ponto de partida para o trabalho.

Era preciso portanto pensar numa tática para enfrentar o problema de como projetar a partir da interlocução com o outro. A experiência em Alagados já apontava para a potência do jogo como um instrumento capaz de instaurar uma situação de troca entre os pesquisadores e os moradores do bairro. Mas e agora, que jogo seria? Teria que ser um exercício de imaginação, um jogo de imaginar junto. Pensando um pouco, essa ação de "imaginar" faz lembrar da imagem como dispositivo que opera o desejo. Dos jogos que lidam com a construção de imagens, talvez o quebra-cabeças seja o mais comum. Seria o jogo perfeito, mas com uma diferença fundamental: o quebra-cabeças articula a construção de uma imagem já planejada, o que o jogador faz é tãosomente a reconstituição desta imagem. Seria o caso então de pensar um quebra-cabeças que possibilitasse a construção de várias imagens e não DA imagem. Um quebra-cabeças em aberto, capaz de cartografar o desejo, de indicar vários caminhos, cenários possíveis para o Fim-de-linha do Uruguai. Então partimos para as peças do jogo. No quebra-cabeças tradicional, as peças são pedaços DA imagem.

Mas nesse caso, o que as peças poderiam ser? Comecei a pensar no pixel. Com o advento do computador, as imagens passaram a ser compostas por infinitos pontos de cor que, agrupados desta ou daquela maneira, acabam definindo contornos e sugestões de volume. Quanto mais nítida for a imagem (quanto maior a resolução), mais pixels ela tem. Hoje em dia, as imagens publicitárias costumam ter muitos pixels. É compreensível, querem apresentar nossos futuros objetos de desejo com a maior nitidez possível, para que saibamos diferenciar bem um iphone de um celular comum. Mas no caso de Alagados é bem diferente. Aqui não estamos falando de desejos enlatados, mas de desejos a ser construídos. Estamos falando de imagens imprecisas, hesitantes, borradas, pixeladas. Imagens em processo. E que pixels seriam esses? Luz, sombra? Silêncio, ruído? Cimento, terra, grama, madeira, água? Espaço livre, comércio, cine-teatro? Planta, bicho, criança, adulto, velho? Lixeira, banco, mesa, brinquedo, poste? Acho que tudo isso junto. E polícia, será que precisa? Vejamos.

jogando contra a espetacularização urbana

Neste momento, Salvador vive uma crise sem precedentes. A cidade padece com uma administração incompetente e caótica, onde o pragmatismo do mercado imobiliário impõe as regras de ocupação do território. A macropolítica urbana, em perfeita simbiose com os interesses privados, está engajada em desencarnar os espaços. Os empresários da construção civil, planejadores de fato, vêem o espaço público como entorno (ou resíduo) de seus empreendimentos, portanto, interessa sobremaneira a "pacificação" dos conflitos, para que seja possível forjar uma imagem de estabilidade e segurança de forma a não prejudicar os negócios.

Segundo o antropólogo catalão Manuel Delgado⁷ (apud JACQUES, 2008), o espaço público passou a ser concebido como "lugar onde se materializam diversas categorias abstratas como cidadania, convivência, civismo, consenso, entre outras superstições políticas contemporâneas". Soma-se a isso a importante constatação do arquiteto holandês Rem Koolhaas⁸ de que as praças de alimentação se tornaram os espaços públicos contemporâneos por excelência. Ao mesmo tempo, estamos assistindo ao que Paola Berenstein Jacques⁹ chama de "mimetismo às avessas", na medida em que os projetos de praça pública, por exemplo, passaram a imitar as ditas praças dos shoppings, com o mesmos materiais, a mesma paginação de piso, além

⁷ DELGADO, Manuel. La ciudad mentirosa: fraude y miseria del "modelo Barcelona". Madrid: Catarata, 2007.

⁸ MAU, Bruce; KOOLHAAS, Rem; SIGLER, Jennifer. S, M, L, XL: Office for Metropolitan Architecture. New York: Monacelli Press, 1995.

⁹ JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. Publicado no Portal Vitruvius. Disponível em http://www.vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/10.110/41 Acesso em: 20/09/2011.

do cercamento e controles inerentes a estes espaços privados e internos. Além dos shopping centers, as grandes vedetes de nossas cidades são os condomínios fechados, os edifícios com portarias blindadas e os complexos que se proclamam bairros autônomos.

Enquanto isso, as periferias crescem à sua própria sorte, sem árvores, sem calçadas, sem espaços públicos de qualidade, sem mobilidade. Paradoxalmente, é nesses lugares que a urbe ainda consegue mostrar alguma vitalidade. Em outras palavras: o conflito não seria inerente aos espaços opacos dos quais nos fala Milton Santos?¹⁰ Segundo Paola Berenstein Jacques, o processo de espetacularização urbana contemporânea "é um dos maiores responsáveis tanto pela negação dos conflitos e dissensos no espaço público contemporâneo quanto pelo empobrecimento das experiências corporais nestes espaços e, sobretudo, pela negação, eliminação ou ocultamento da vitalidade dos espaços mais populares das cidades".

Nesse contexto, o uso que os moradores de Alagados fazem do Fim-linha do Uruguai se configura como uma resistência espontânea a este processo macro de espetacularização urbana, pois coloca em evidência a vocação do espaço público em promover o encontro, ou mesmo a colisão das alteridades, como nos sugere Gabriel Schvasberg em sua dissertação de mestrado (PPG AU/ UFBA, 2011).

As demandas que os próprios moradores apresentam em relação ao Fim-de-linha do Uruguai reforçam ainda mais sua vitalidade, pois a despeito de toda a descrença existente em relação à atuação do Estado, ainda há campo fértil para o desejo. Nesse sentido, uma iniciativa que aponte para a reestruturação urbanística deste espaço, além de reforçar uma necessária política de descentralização no acesso a áreas urbanas bem infraestruturadas, poderia ser capaz de criar as condições de possibilidade necessárias para o reforço das relações de permeabilidade entre o miolo e a borda de Alagados, bem como entre o próprio bairro e a cidade de Salvador.

Considerando o uso existente e regular que os moradores fazem deste espaço como suporte para a apresentação de espetáculos (Terça Cultural, Projeções de filmes e etc.) seria o caso de pensarmos em que medida o espetáculo poderia se comportar como um dispositivo contra-hegemônico, ou seja, se articular contra os processos de espetacularização da cidade contemporânea. Contudo, convém não sermos ingênuos ao perceber como dicotômica a relação entre resistência e espetacularização. Um processo não pode existir sem o outro, e em alguma medida podemos dizer que cada um desses processos carrega em seu cerne a potência antagônica. Ana Clara Torres Ribeiro ressalta que o capitalismo, apesar de toda sua força transformadora, não é capaz de modificar tudo ao mesmo tempo. A complexidade destes processos macro abre espaço para brechas e desvios,

¹⁰ SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção.São Paulo: Edusp, 2002.

e o corpo é uma instância fundamental de resistência a eles, sendo capaz de escapar mediante sua nãopassividade (JACQUES, 2008).

O campo da Arquitetura e do Urbanismo abriu mão de qualquer perspectiva utópica e se rendeu ao pragmatismo do programa, e nós precisamos colocar em cheque a ética por trás da transformação da Arquitetura em programa. A exacerbação contemporânea do programa é um sintoma da necessidade que os processos de espetacularização têm em fixar as possibilidades, promovendo um apassivamento dos corpos, que passam a agir conforme o esperado, promovendo a criação de espaços luminosos, seguros e pacíficos. Devemos nos colocar então o desafio de pensar formas fixas que sejam capazes de desarticular estas cartografias hegemônicas. Formas fixas concebidas a partir do agenciamento dos desejos coletivos, abertas para a explicitação dos dissensos e capazes de tornarem-se suporte para a participação: vazios cheios de possibilidades, tais como o vão do MASP de Dona Lina.

arquitetura como suporte para a vida

Em seu clássico livro Suports: an alternative to mass housing (1961), o arquiteto John Habraken propõe a separação do "suporte" ou "prédio-base" do "preenchimento interno" da construção. O propósito dessa separação é oferecer aos habitantes as condições de possibilidade para que estes exerçam seu papel no processo de "configuração" do desenho final. Para Habraken, esta participação não é apenas importante, mas indispensável. A principal característica da cidade-suporte [support city] seria o fato de que ela não precisa aguardar passivamente sua decadência, mas pode constantemente assumir novas formas diante de novas circunstâncias.

Ainda segundo Habraken, toda a responsabilidade em relação ao espaço converge sobre seus habitantes, já que as suas ações vão determinar todas as mudanças na cidade-suporte. Sem eles, nenhum desenvolvimento seria possível. A mesma tese defendida por Habraken está presente nos trabalhos da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi. Muito embora Lina não fale em "suportes", sem a menor sombra de dúvidas ela pensa a Arquitetura de forma completamente indissociada da vida.

Segundo a professora Olívia de Oliveira, em seu livro Sutis substâncias da Arquitetura de Lina Bo Bardi (2006), "a solução de Lina para o edifício do Museu de Arte de São Paulo foi radical: ela organiza o edifício em duas partes. Uma, elevada, aérea e cristalina e outra semi-enterrara, rodeada de jardins e vegetação. Deste modo, o

vazio constitui um terceiro elemento que intercala as duas partes. Com esta atitude, Lina não apenas preserva a vista da cidade, senão a salienta e a realça ao emoldurá-la. A cidade é acolhida neste vazio definido pelo edifício, [...] um vazio impregnado de possibilidades, que configura um lugar de encontro, de troca: praça, ágora democrática, espaço aberto a manifestações diversas (feiras de antiguidades, encontros políticos, concertos de música, exposições de arte, encenações, jogos)".



Imagem 11 – Vão do MASP.

Sobre o vão do MASP, a própria Lina diz o seguinte: "procurei (e espero que aconteça) recriar um 'ambiente' no Trianon. E gostaria que lá fosse o povo, ver exposições ao ar livre e discutir, escutar música, ver fitas. Gostaria que crianças fossem brincar no sol da manhã e da tarde. E até retretas e o mau gosto de cada dia que, enfrentado 'friamente', pode ser também um conteúdo". Cruzando a leitura de Habraken com a obra de Lina, poderíamos pensar na Arquitetura como suporte para a vida.

A primeira vista, parece um enunciado simples, principalmente se levamos em conta que toda (ou quase toda) a matéria do planeta serve como suporte para os processos biológicos. Mas não é disso que estamos tratando aqui, então é preciso que a gente delimite a abrangência de sentido deste enunciado, para que possamos ir além da dicotomia entre corpo e pedra. Pensar em *Arquitetura como suporte para a vida* seria então uma atitude deliberada de desenhar o espaço a partir de sua potência de uso. Implica pensar o espaço a partir do seu diálogo com o ação, e portanto com o tempo. Ao contrário dos espaços espetaculares, onde o programa é um dispositivo fundamental, os suportes devem se comportar como campo aberto de possibilidades.

jogo dos desejos

Um dia dedicado aos desejos. Com o quebra-cabeças em mãos, fui em busca da tentativa de cartografar os desejos dos moradores em relação do Fim-de-linha do Uruguai. Apesar de já saber que os resultados seriam fragmentários e imprecisos, eles seriam importantes para indicar alguns caminhos e cenários possíveis para o Fim-de-linha do Uruguai. Caminhando uma pouco com o jogo em mãos, fui encontrando pessoas dispostas a conversar. Os moradores eram convidados a "imaginar como o Fim-de-linha do Uruguai poderia ser". Depois eu mostrava os dados do quebra-cabeça e as imagens começavam a se formar. Havia alguns dados em branco para registrar desejos que não haviam sido previstos.

Foram 12 jogos no total, e os resultados foram surpreendentemente parecidos. O jogo se revelou um dispositivo interessante porque permitia estabelecer uma linguagem comum. Apesar de em geral as imagens terem sido compostas de forma abstrata, apenas como "composições" dos signos nos dados, alguns jogadores foram mais cuidados com as relações entre as peças do quebra-cabeça. Uma senhora me surpreendeu ao mudar um dado que retratava um banco de praça de lugar, achando que ele ficaria melhor ao lado da área gramada, para que ela pudesse "ficar olhando as crianças".

Em geral todos os jogos enfatizaram o desejo por grandes áreas verdes ensolaradas, presença de árvores, equipamentos como banheiros públicos, lixeira, ponto de ônibus e policiamento. Grande parte dos jogadores também relatou que o Novo Fim-de-linha deveria ser ruidoso ao invés de silencioso e deveria contar com camelôs ou pelo menos com vendedores ambulantes como já acontece na Travesa Jequitibá. Os jogadores foram unânimes em relação ao desejo de reabrir o Cine-teatro Alagados.



Imagem 12 – Jogo dos Desejos em Alagados.



Imagem 13 - Possibilidades para o Fim-de-linha do Uruguai: área verde, arborização, bastante iluminação natural e artificial, crianças, muito barulho, policiamento intensivo, vendedores ambulantes e camelôs, banheiros públicos e lixeiras, artistas de rua, capoeira, cinema e cursos profissionalizantes.



Imagem 14 - Possibilidades para o Fim-de-linha do Uruguai: área verde bastante ensolarada, cheia de gente, calçadas, bastante iluminação natural e artificial, piscina, crianças, policiamento, feira, "delicatessen de qualidade", barzinho "de família", sorveteria, creche, quadra de esportes.



Imagem 15 – Possibilidades para o Fim-de-linha do Uruguai: muita área verde, ensolarada, cheia de gente, bastante iluminação natural e artificial, crianças, barulho, policiamento, feira, camelôs e farmácia.

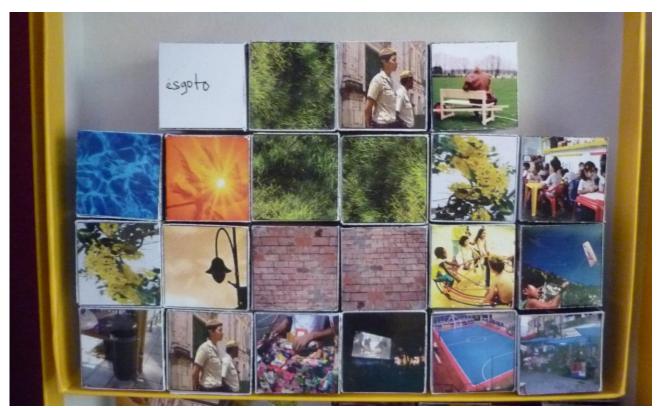


Imagem 16 - Possibilidades para o Fim-de-linha do Uruguai: investimentos em infra-estrutura (esgoto) muita área verde e arborização, iluminação natural e artificial, piscina, calçadas, crianças, policiamento intensivo, vendedores ambulantes e camelôs, cinema.

cine-teatro-rua

Os jogos dos desejos me surpreenderam bastante pela convergência dos desejos relatados pelos moradores. Com isso, a proposta inicial (de apresentar diferentes possibilidades para o Fim-de-linha do Uruguai a partir dos jogos) acabou sofrendo um desvio: comecei a pensar na possibilidade de planejar um processo ao invés de uma intervenção fechada numa lógica antes/depois. Essa perspectiva processual partiria então de uma primeira configuração que estrutura a intervenção e pelo menos mais dois momentos posteriores que seriam na verdade possíveis desdobramentos desta primeira configuração. Os intervalos entre os diferentes momentos da intervenção efetuam a possibilidade de que os usos e a própria percepção dos moradores em relação ao espaço promovam desvios neste planejamento.

Portanto, as configurações subsegüentes à primeira devem ser entendidas como propostas preliminares de projeto, na medida em que não é apenas possível, mas desejado que haja modificações na medida em que os usos "atualizem" a intervenção proposta na primeira configuração.



Imagem 17 – Vista geral da primeira configuração.



Imagem 18 – Vista geral da segunda configuração.

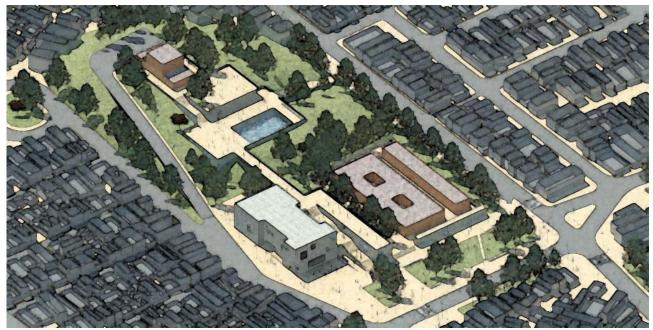


Imagem 19 - Vista geral da terceira configuração.

A primeira configuração parte dos desejos relatados nos jogos pelos moradores, sobretudo com relação à retomada do Cine-teatro Alagados (que se encontra em processo de arruinamento) e a criação de grandes áreas verdes no bairro. Além disso, a proposta incorpora a perspectiva de criar uma conexão direta do Fim-de-linha do Uruguai com a Igreja de Nossa Senhora dos Alagados, promovendo desta forma a possibilidade de reconfigurar os fluxos nessa área. O objetivo dessa conexão (materializada como uma escada-rua) seria romper com o isolamento da Igreja em relação ao restante do bairro, circunstância que certamente contribui para os eventos violentos que ocorrem no entorno da Igreja.

Além disso, seria necessário já neste primeiro momento empreender uma grande reestruturação viária a partir da perspectiva de desativação do fim-de-linha, cuja permanência não se justifica, principalmente se considerarmos a baixíssima demanda e a enorme área que os ônibus exigem, espaço precioso num contexto como o de Alagados, que possui enorme adensamento.



Imagem 20 – Reestruturação viária proposta a partir da retirada do Fim-de-linha.

No espaço que será ganho a partir da desativação do fim-de-linha, vai ser possível estabelecer uma arborização mais do que necessária, além da criação de uma grande área de grama, desejo relatado de forma unânime nos jogos realizados com os moradores.

Neste espaço, serão instalados em diversos lugares dispositivos provisoriamente chamados de "Módulos de Construção de Situações" (MCS), que na verdade consistem tão simplesmente em pontos de água e eletricidade que poderão ser utilizados por qualquer um, de forma a estimular uma grande diversidade de usos neste espaço. Crianças poderiam utilizá-lo para tomar banho de mangueira ou encher as piscinas de plástico, vendedores ambulantes e camelôs poderiam "plugar" suas barracas e carrinhos na rede elétrica, artistas de rua teriam possibilidade de fazer performances que demandam equipamentos eletrônicos, os moradores poderiam instalar equipamentos de som ou mesmo televisões no final de semana, para citar só alguns exemplos.



Imagem 21 – Módulo de Construção de Situações (MCS): pontos de água e luz para uso público que seriam instalados em diversos locais. Possibilidade de apropriação de um dos MCS por Amine Portugal.

Além dos MCS, alguns equipamentos-suporte são pensados para a praça: sanitários públicos, módulo policial (equipamento solicitado em todos os jogos realizados) e espaços que a associação de moradores poderá alugar para que sejam instalados pequenos comércios, como uma lanchonete e uma banca de revistas. Finalmente, será proposta uma reconfiguração do acesso da Escola Estadual Polivalente San Diego: ao invés de abrir para a Rua Régis Pacheco, seu acesso principal poderá ser realizado a partir da Praça, de forma de que os alunos possam usar a área verde antes e depois das aulas.



Imagem 22 – Possibilidades de apropriação do "gramadão" por Patrícia Almeida.

Os MCS serão particularmente importantes na conexão da praça com a Igreja, pois deverão possibilitar que, mais do que uma escada, essa conexão possa se efetivar como uma "escada-rua", o que certamente contribuiria de forma decisiva para reconfigurar os fluxos em relação à Igreja de Nossa Senhora dos Alagados.

Os MCS instalados em diversos pontos da escada serão capazes de estimular a presença de camelôs ao longo de sua extensão, situação que seria particularmente benéfica se levarmos em conta o exemplo da Tv. Jequitibá, que assume um papel de centralidade por conta do intenso fluxo gerado a partir do comércio de rua.



Imagem 23 – Possibilidades de apropriação da "escada-rua" por Amine Portugal.

Aproveitando condições favoráveis da topografia, seria criado um platô antes do nível da Igreja, com alguns boxes comerciais e MCS, gerando um mirante que não estaria diretamente vinculado à Igreja, de forma a possibilitar usos públicos não-compatíveis com o controle exercido pelos padres no espaço ao lado da Igreja¹¹.

Nesse grande espaço aberto também poderá ser experimentado o uso de piscinas de plástico semelhantes às utilizadas durante a ação piscina. O sucesso dessa iniciativa poderia abrir caminho para uma piscina pública de maior porte no segundo momento da intervenção.

¹¹ Os padres costumam restringir atividades que não estejam diretamente relacionadas à Igreja em seu entorno imediato, sob a alegação de que a área pavimentada ao redor da Igreja pertence à Arquidiocese.



Imagem 24 – Igreja de Nossa Senhora dos Alagados e Platô.

Considerando as diversas atividades ao ar livre realizadas pelo Espaço Cultural Alagados, sobretudo a Terça Cultural¹² e as inúmeras exibições de filmes, a primeira configuração proposta para o Fim-de-linha do Uruguai estabelece a possibilidade de retomar o Cine-teatro Alagados de forma imediata, fazendo com que ele passe a abrigar essas atividades sem negá-las em seu caráter público e aberto para o bairro. O objetivo seria então promover uma "ocupação" imediata deste espaço, promovendo então sua requalificação a partir dos usos que serão experimentados aí. A intervenção deverá se pautar pela consolidação estrutural da "casca" do Cine-Teatro Alagados, onde ao mesmo tempo seriam criados alguns vazios de forma a promover uma grande permeabilidade com o ambiente externo, criando um espaço que se comporte ao mesmo tempo como dentro e fora, cine-teatro e praça. A "casca" do Cine-Teatro poderá então ser utilizada interna e externamente, abrigando os espetáculos do Espaço Cultural Alagados, exibições de filmes e o que mais for possível.

¹² A Terca Cultural é um grande evento realizado na primeira terca-feira de cada mês, onde se apresentam os grupos artísticos que utilizam o Espaço Cultural Alagados e outros grupos do Subúrbio Ferroviário. As apresentações são realizadas ao ar livre, no canteiro central do Fim-de-linha do Uruguai.

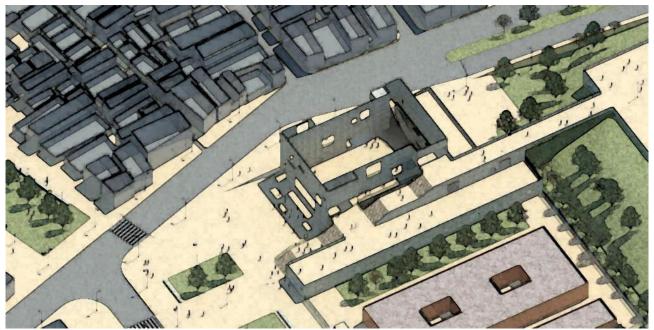


Imagem 25 – Consolidação estrutural da casca do Cine-teatro Alagados e aberturas.

No entorno do Cine-teatro, que agora poderemos então chamar de "Cine-teatro-rua", seriam criados alguns equipamentos para dar suporte às suas atividades: banheiros, camarim, um depósito para cadeiras e praticáveis de madeira. Além disso, seria possível oferecer novas instalações para o Espaço Cultural Alagados mais coerentes com sua demanda¹³.

Considerando a crescente importância da terça Cultural e o fortalecimento dos grupos artísticos do Subúrbio Ferroviário, a retomada do Cine-Teatro Alagados seria uma evento de significativa importância não apenas para o bairro, como também para a Península de Itapagipe como um todo. A perspectiva de conclusão da via de borda também contribuiria para estimular o diálogo de Alagados com a cidade e os bairros do seu entorno.

¹³ Ver plantas nos Anexos.



Imagem 26 – Possibilidade de uso do "Cine-teatro-rua" por Daniel Sabóia.

Naturalmente, é extremamente importante que as intervenções no Fim-de-linha do Uruguai sejam acompanhadas por investimentos em infra-estrutura (macrodrenagem, redes de água e esgoto), além da pavimentação de calçadas e arborização dos mais diversos espaços, visando superar precariedades que já perduram por décadas.

Na **segunda configuração**, será possível consolidar o papel da escada-rua que liga a Praça à Igreja de Nossa Senhora dos Alagados a partir da construção de alguns comércios de vizinhança (padaria, açougue, boteco, salão de beleza) e também de espaços destinados à habitação de interesse social. Numa perspectiva de um urbanismo mais unitário, a presença de unidades habitacionais seria extremamente interessante, na medida em que prolonga os tempos de uso destes espaços.

O uso público do cine-teatro-rua também seria reforçado a partir de espaços destinados aos grupos de capoeira que atuam no bairro. Essas atividades seriam abrigadas por um volume "acoplado" à casca do Cine-teatro original.



Imagem 27 – Segunda configuração da Escada-rua.

Ao final da escada-rua, seria a vez de instalar a Piscina Pública de Alagados no platô antes do nível da Igreja. Além de ser um equipamento importante para o esporte e o lazer, a presença da piscina nesta cota de nível reforçaria ainda mais o fluxo da escada-rua, contribuindo de forma decisiva para desestabilizar a territorialidade de medo que existe no entorno da Igreja em função do seu isolamento.



Imagem 28 - Platô com a Piscina Pública de Alagados.



Imagem 29 - Possibilidades de uso do Platô por Fábio Steque.

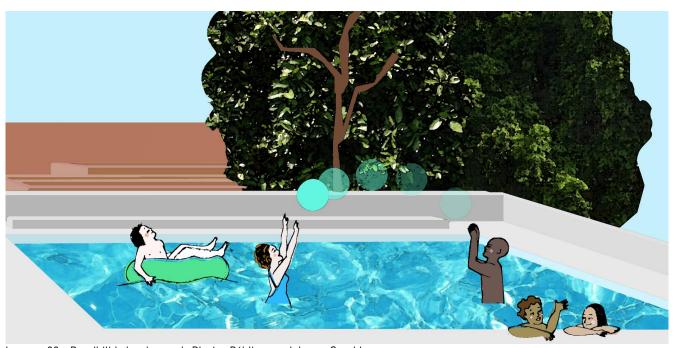


Imagem 30 - Possibilidades de uso da Piscina Pública por Johanna Gaschler.



Imagem 31 – Possibilidades de uso da Piscina Pública por Amine Portugal.

Além disso, seria possível instalar novos MCS na Praça se houver demanda por mais camelôs. O desenho do "Gramadão" também poderá ser atualizado de acordo com os percursos dos usuários da Praça, consolidando as trilhas que tenham se formado.



Imagem 32 - Atualização do desenho da praça de acordo com os percursos dos usuários.

Na terceira configuração, seria possível consolidar a ocupação do Cine-teatro-rua, dotando-o de melhores recursos técnicos e cênicos. O fechamento superior (cobertura) do Cine-teatro-rua seria também uma possibilidade a ser discutida com os moradores.



Imagem 33 - Possibilidade de cobertura para o Cine-teatro-rua.

Nesse momento da intervenção, novos espaços podem ser criados visando atender a demanda por cursos de formação e profissionalizantes. Além disso, já seria a hora de viabilizar iniciativas concretas visando a requalificação ambiental da Maré (área de borda voltada para a Enseada dos Tanheiros).

quadro-resumo

	01	02	03	()
praça	reestruturação viária grandes áreas verdes para uso público banheiros públicos e módulo policial MCS reconfiguração do acesso da escola, que passará a se relacionar diretamente com a praça	atualização do desenho dos gramados de acordo com os percursos dos usuários novos MCS se houver demanda por mais camelôs		
cine-teatro-rua	consolidação estrutural e ocupação da casca do cine- teatro-alagados novas instalações para o espaço cultural alagados sede para a associação de moradores elevador para circulação vertical de pessoas com necessidades especiais	espaços para os grupos de capoeira que existem no bairro novos recursos técnicos e cênicos para o cine-teatro-rua	espaços para cursos de formação e profissionalizantes possibilidade de cobertura do cine- teatro-rua	
escada-rua	MCS	comércios de vizinhança e unidades habitacionais	novos MCS se houver demanda por mais camelôs	
platô	MCS comércios para atrair fluxo chuveirões banheiros públicos	piscina pública posto de saúde		
aspectos técnicos	obras de macrodrenagem subsestação de energia	expansão do reservatório superior para atender a demanda da piscina, dos comércios e das unidades habitacionais	expansão do reservatório superior para atender a demanda por novos MCS	
diretrizes para alagados	investimentos em infra- estrutura, calçamento e arborização	instalação de MCS em outros pontos do bairro programa de melhorias habitacionais	requalificação ambiental da maré	equipamentos para o uso náutico da enseada dos tanheiros

bibliografia

- ALBINATI, Mariana Luscher. Assistir, entrar em cena ou roubar a cena? Políticas culturais no Território popular de Alagados. Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.
- BRASIL, Daniela Brasil; DIETL, Theresa; GRAU, Catherine; KÖNIG, Bernhard (Org.). KoCa Inn by Urban
 DAE An urban experiment at the Kiosk of Contemporary Art in Weimar. Berlin: Revolver Publishing,
 2010.
- BRITTO, Fabiana Dutra; JACQUES, Paola Berenstein (orgs). CORPOCIDADE: debates, ações e articulações. Salvador, EDUFBA, 2010.
- CARVALHO, Eduardo. Os Alagados da Bahia. Intervenções públicas e apropriação informal do espaço urbano. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2002.
- DEBORD, Guy. A sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997
- DE CERTEAU, Michel. A invenção do Cotidiano. Artes de Fazer. 3ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- FERNANDES, Ana; JACQUES, Paola Berenstein. Territórios urbanos e políticas culturais, Cadernos do PPGAU/ FAUFBA. Número especial. Salvador: EDUFBA, 2004.
- FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson; VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3ª edição. São Paulo: Projeto, 1985.
- FESSLER VAZ, Lilian; ANDRADE, Luciana; GUERRA, Max Welch (Org). Os espaços públicos nas políticas urbanas: estudos sobre o Rio de Janeiro e Berlim. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.
- JACQUES, Paola Berenstein (org.). Apologia da Deriva. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.
- JACQUES, Paola Berenstein. Estética da Ginga. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001

- JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. Texto publicado no Portal Vitruvius. Disponível em: <vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/10.110/41>
 Acesso em: 20/09/2011
- JACQUES, Paola; BERTAZZO, Ivaldo. Maré: vida na favela. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- JEUDY, Henri Pierre; JACQUES, Paola Berenstein (orgs.). Corpos e cenários urbanos. Salvador: EDUFBA, 2006.
- MAU, Bruce; KOOLHAAS, Rem; SIGLER, Jennifer. S, M, L, XL: Office for Metropolitan Architecture. New York: Monacelli Press, 1995.
- ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre:
 Sulina; Editora da UFRGS, 2007.
- RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina (orgs). Textos escolhidos de Lina Bo Bardi. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.
- VILAÇA, Ícaro; RIBEIRO, Diego; PORTUGAL, Amine; SCHULTZ, Tiago. Alagados: memórias, percursos e desejos. Salvador: Revista Dobra, 2010.

representação técnica configuração 01

representação técnica configuração 02

representação técnica configuração 03

súmula da pré-banca